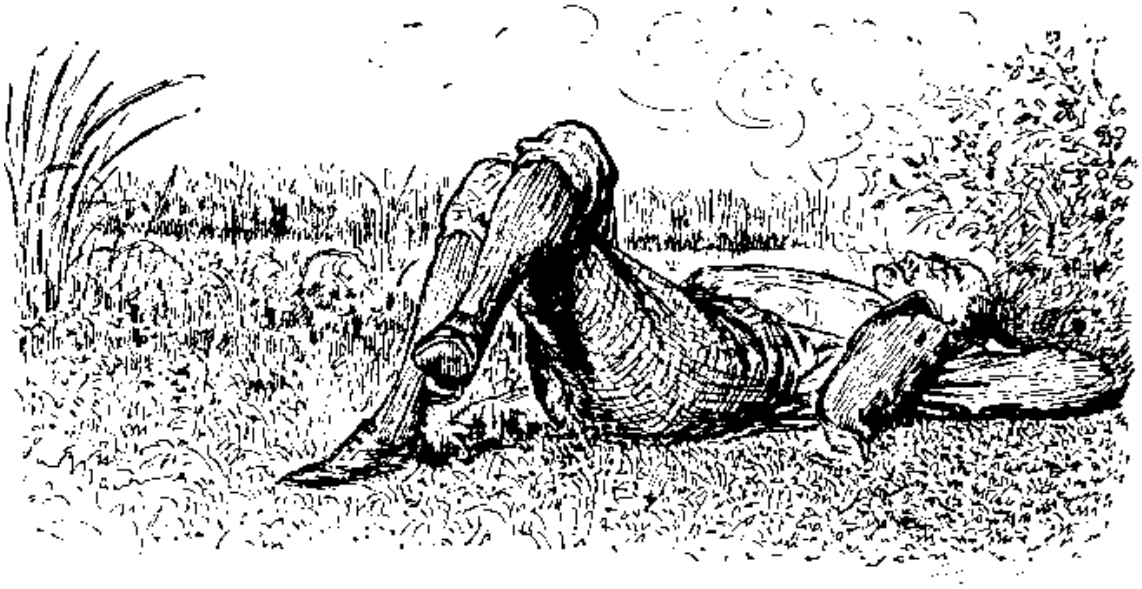
Volume II

Sexta Parte – 1R

Vendo e participando de cenas do passado

Estou lá todas as noites — sob o lindo Sol da primavera ou do outono — meditando, recordando, fazendo anotações — anotações de sonhos para serem fixadas pelo ouvido e usadas no dia seguinte para um propósito real.



Estou lá todas as noites

Dou voltas e mais voltas, ou me sento nos bancos, ou me deito a beira da grama e fumando sem parar, observando a velha vida anfíbia que achei tão encantadora há meio século, e ainda acho encantadora.

Às vezes eu mergulho na floresta (que agora foi devastada. Desde 1870 há um espaço aberto ao redor da Mare d'Auteuil. Havia visto esse fato num sonho com Mary, quando fomos a Paris depois da guerra, em loucas peregrinações durante o dia a todos aqueles lugares tão queridos ao nosso coração e tão mudados; e novamente, quando a noite chegou, comigo como companheiro peregrino. Foi um triste desencanto para nós dois).

Minha Mare d'Auteuil, onde passo tantas horas, é a Mare d'Auteuil de Louis Philippe, imutável, exceto por pequenas mudanças que ocorrerão, de vez em quando, entre os

anos de 1839 e 1846: um banco quebrado remendado, uma nova barreira colocada na estrada, um pequeno dique de madeira onde a beirada mesmo estava cedendo.

E o matagal em volta dele é escuro e denso por longa distância, com muitas árvores altas e uma vegetação rasteira, rica e emaranhada.

Há um carvalho gigante que é difícil de se encontrar naquele labirinto (agora para o mundo, está sozinho ao ar livre; um ornamento para o autódromo de Auteuil). Eu subi muitas vezes quando menino, com Mimsey e os demais; não posso escalá-lo agora, mas adoro me deitar na grama à sua sombra e entrar no meu sonho ali, cercado por todos os lados por um verdor perfumado e impenetrável; com pássaros e abelhas e borboletas e libélulas e estranhos besouros e pequenos ratos do campo com olhos brilhantes, e cobras malhadas e ágeis esquilos marrons e lindos lagartos verdes para minha companhia. Uma vez ou outra aparece um corvo gentil que vem e se alimenta perto de mim sem medo, e a toupeira joga seu pequeno monte de terra e leva um arejamento.

É uma solidão muito encantadora.

Isso me diverte pensar durante o dia, quando bem acordado na minha triste prisão inglesa, e entre os meus colegas loucos, como essa minha sombria solidão francesa noturna, a tantos quilômetros e anos de distância, é agora apenas uma ampla planície comum, vazia e gramada, dominada por uma arquibancada decorada de bandeiras e sinalizada. É domingo, digamos — e pelo que sei uma grande corrida pode estar acontecendo — toda Paris está lá, a rica e a pobre. Pequenos soldados de uniformes vermelho, grandes soldados de uniformes azuis, mantendo, obviamente, claro; o sol brilha, as ondas tricolores, a linguagem alegre e familiar torna musical a brisa do verão. Atrevo-me a dizer que é tudo muito brilhante e animado, mas todo o lugar ressoa com o barulho vulgar das casas de apostas, e o ar está cheio de poeira e odor do cheiro estonteante de tabaco, o odor da luta da humanidade francesa; e a esquelética Torre Eiffel olhando do céu sobre Paris (foi assim que me disseram) como um esqueleto em um banquete.

Então chega o crepúsculo, e as multidões se foram; a pé, a cavalo, de bicicleta, triciclo e em todo tipo de veículo; muitos perto da *estação de trem*, cuja estação Auteuil fica aqui perto... tudo está calmo, vazio e monótono.

Então cai a noite silenciosa como uma cortina, e sob sua cobertura amigável a estranha transformação se efetua rapidamente, e tudo está pronto para mim. A arquibancada evapora, a estação ferroviária desaparece no ar; não há mais Torre Eiffel com sua luz elétrica! A doce floresta de cinquenta anos atrás ergue-se repentinamente do chão, e todas as coisas vivas selvagens que uma vez viveram nela, despertam para sua vida feliz novamente.

Um lago tranquilo e profundo em uma floresta francesa do passado, consagrado por tais memórias! O que pode ser mais encantador? Oh, doce e suave nostalgia, tão cedo para ser aliviada!

Nasce o Sol jovial, a luminosidade diária, no seu lugar designado nos céus – zênite, ou leste ou oeste, de acordo com a ordem. Um vento fraco sopra do sul – tudo está devidamente desinfetado e aquecido, brilhante e confortável – e eis! o velho Peter Ibbetson aparece em cena, monarca absoluto de tudo o que ele observa nas últimas oito horas — aquele cujo direito não há literalmente nenhum a ser contestado.

Normalmente, ali não encorajo reuniões barulhentas e nem perto do lago; praticamente, gosto de manter o lugar tranquilo para mim; não há egoísmo nisso, pois na verdade não estou privando ninguém. Quem chega nesse momento, é de quase cinquenta anos atrás e não sabe; eles devem ter morrido há muito tempo.

Às vezes ele é um guarda oficial do país no azul e prata de Louis Philippe, com seu cachimbo preto, suas polainas, sua velha arma de pederneira e sua bolsa de caça bordada. Ele se dá bem na cena.

Eventualmente são casais de namorados, bonitos e bem-comportados, outras vezes são os meninos da escola de *Saindou* para treinar na liga – A Linha.

Às vezes é o Sr. Padre, controlando pacificamente suas “Horas”, enquanto anda em círculos com passos lentos e pensativos. Agora posso observar seu rosto calmo e benevolente à luz de meio século de experiência de vida, que aprendi a amar aquele aspecto imóvel, negro e meditativo que eu achava tão antipático quando menino – ele não é um descartador vivo de pequenos hereges! Esse mundo é grande o suficiente para nós dois — e, também, o mundo vindouro! E ele sabe disso. Agora, em todos os eventos!

Esse mundo é grande o suficiente para nós dois

Algumas vezes, até dois Prendergasts são admitidos ou até três; afinal, eles não são tão ruins; eles têm as qualidades de seus defeitos, embora você não pense assim.

Porém, muitas vezes chegam as velhas e amadas sombras com suas redes de pescar, e seu alto astral, e seu ruidoso anglo-francês — Charlie, e Alfred, e Madge, e o resto, e o risonho, latindo e girando Médor, que mergulha atrás das pedras.

Oh, como faz bem ao meu coração vê-los e ouvi-los!

Eles me fazem sentir como um avô. Até mesmo o Sr. Major é mais novo que eu — seu bigode não tão branco como o meu. Sua estatura vai até ao meu queixo; mas ainda o admiro, eu o amo e o reverencio como ainda era uma criancinha.

E o Dr. Seraskier! Eu me coloco entre ele e aquilo que está olhando, de maneira que parece estar olhando diretamente para mim; mas com um olhar distante, o que é natural. Em seguida, algo o distrai, e ele sorri, e seus olhos franzem como a filha costumava fazer quando era mulher, e seu rosto majestoso se torna o de um Anjo, como o dela.

O Anjo sorridente!

E meu pai alegre, jovem, despreocupado, com sua vivacidade, sorriso jovial e eterno bom humor! Ele é como um menino para mim, *o lindo Pasquier*! Ele tem um novo estilingue de sua própria invenção; que o tira do bolso e atira pedras no alto das copas das árvores e longe da vista — para alegria de si mesmo e de odos os outros — e não se preocupa muito em saber onde elas vão cair.

Agora, minha mãe é jovem o suficiente para ser minha filha; é como uma filha, doce, gentil e adorável, que eu amo atualmente – uma filha bem-casada com um marido alto e bonito que canta divinamente e que atira pedras, e que me presenteou com um neto – lindo como o dia — pois o que quer que Peter Ibbetson tenha sido em seu tempo, não há como negar a beleza singular do pequeno Gogo Pasquier.

E Mimsey é apenas um Anjo infantil! Sr. Major é infalível.

“Ela tem toda a inteligência da cabeça e do coração! Você vai ver um dia, quando melhorar; você vai ver!”

Esse dia já chegou e se foi; é fácil ver tudo isso agora — ter os olhos do Sr. Major.

Ah, coitadinha da Mimsey, com seu corte de cabelo curto e seu rosto pálido, e braços e pernas longos e finos, e olhos suaves, bondosos e luminosos, que ainda não aprenderam a sorrir. O que ela é para mim!!!!

E Madame Seraskier, em toda a juventude e esplendor de sua beleza sagrada! Um lírio escolhido entre as mulheres – a mãe de Mary!

Ela está sentada no velho banco junto ao salgueiro, perto das luvas da filha. Às vezes (um detalhe trivial e quase cômico!), ela realmente parece se sentar sobre elas, para minha angústia momentânea; mas quando ela vai embora, lá estão ainda, nem um pouco desalentadas — o molde precioso daquelas belas e generosas mãos a quem devo tudo aqui e no além.

* * * * *